

AGUINALDO TADEU

# O IMPERADOR DA AMÉRICA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

— *Never! Never!*

Falou Dom Pedro II, em voz alta e com o cenho franzido, olhando pela janela, sem nem perceber direito a presença do criado em seu gabinete.

— Vossa Majestade falou comigo?

O imperador chamou Rafael para junto dele e lhe mostrou uma carta que trazia nas mãos.

— Não consigo ler. Está em inglês, majestade.

— Já sei! Já sei!

Diante da cara de interrogação a sua frente, o imperador continuou:

— Os confederados me mandaram esta carta...

Como a cara de interrogação de seu criado só aumentava, ele sorriu.

— Já sei! Já sei! Vou explicar: os americanos do norte estão em guerra contra os americanos do sul, chamados de confederados, pela abolição dos negros.

— Certo. Entendi, meu senhor.

— Lá na América eles resolveram tentar achar uma solução para a questão dos negros por meio das armas. Ah, esses americanos! Como eles gostam de uma guerra!

— E onde o senhor entra nesse conflito?

Dom Pedro se levantou e começou a sorrir, andando pelo gabinete e balançando a cabeça.

— Você não vai acreditar!

— Diga, meu senhor. Não mate seu negro de curiosidade.

— Essa carta veio da parte dos confederados. Eles vão me enchendo de elogios, enumerando minhas qualidades, enaltecendo meu império. Por fim, eles me convidam para ser seu imperador! Pode isso, Rafael? Pode?! Dom Pedro II, Imperador da América!

Soltou uma sonora gargalhada, batendo as costas da mão na carta americana, feliz como se ali estivesse a notícia da chegada de um neto, de um herdeiro do trono dos Bragança.

— Não seria uma má ideia, majestade!

Rafael falou de impulso, como se pensasse em voz alta. E abaixou a cabeça, olhando para um buraco no seu sapato, sem graça.

— Jamais! Jamais! Ou *never*, em inglês. *Never*, Rafael? *Never*!

— Acho que o senhor deveria pensar melhor.

Dom Pedro virou-se para Rafael com uma sobrancelha levantada e a mão no queixo:

— Por que pensa assim, Rafael? Enlouqueceu de vez, criatura de Deus!

— Não seria má ideia a expansão do Brasil.

— Rafael, eu não conhecia esse seu lado ambicioso, olhe só! Expandir o Brasil! Que ideia maluca foi essa? Eu já tive a chance de expandir o Brasil retomando o Uruguai, mas não quis. Eu lá vou expandir para a América do Norte?

— Mas o Uruguai, com todo respeito, não é a América. Não tem comparação, majestade.

O imperador olhou seu funcionário de cima até embaixo. Reparou como Rafael ainda era forte, apesar da idade, e vestia-se bem, com sua casaca preta, trazendo na lapela as insígnias da monarquia. Foi descendo os olhos devagar e parou num buraco no sapato dele, que destoava do restante da vestimenta. Com os olhos nos sapatos de Rafael e os dedos enfiados na barba, Dom Pedro ficou longos segundos pensando sobre o que ele havia dito.

Enquanto o imperador pensava em silêncio, Rafael correu os olhos pelo gabinete de seu senhor e reparou na escrivaninha abar-

rotada de livros, apertada naquele ambiente cheio de gravuras, mapas, quadros, fotografias e livros, milhares deles sobre todos os assuntos possíveis e tão estimados pelo imperador, como botânica, astronomia, literatura, medicina, direito, filosofia, história, línguas. Aquele gabinete ocupava quase todo o terceiro piso da fachada frontal do Palácio de São Cristóvão e parecia cada vez menor, pedindo sempre mais espaço. Envolto em seus pensamentos, Rafael falou consigo mesmo: *como ele consegue estudar tanto?* Nessa hora, foi surpreendido com a voz estridente do seu senhor que, de braços abertos, retomou o assunto:

— Eu não dou conta de administrar essa imensidão toda que é o Império do Brasil. Imagine, então, anexar os americanos. Seria uma loucura! Uma loucura sem tamanho, literalmente.

— Eu, se fosse o senhor, pensaria melhor nesse convite antes de responder.

O imperador tirou os olhos de Rafael, olhou para sua mesa, pegou a carta com a resposta já pronta e a entregou para Rafael, tremendo um pouco a mão e demorando mais que o normal para soltá-la.

— Leve... Leve isso agora para os correios, Rafael. E não fique colocando minhocas na cabeça de seu imperador.

Rafael caminhou devagar em direção à porta e, quando pegou na maçaneta para sair do gabinete, Dom Pedro o chamou de volta, com a voz tremida:

— Devolva-me essa carta, Rafael. Vou pensar melhor. As decisões de um imperador devem ser bem pensadas. Sempre.

Rafael sorriu, mas o imperador não teve coragem de olhar nos seus olhos.

Por prudência, Rafael retirou-se imediatamente do gabinete do imperador, sem mais qualquer comentário. Já tinha falado demais e a sementinha estava lançada. Agora, cabia a ele esperar a reação imperial.

A **Guerra Civil Americana**, também conhecida como Guerra de Secessão, foi travada nos Estados Unidos de 1861 a 1865, entre a União e os Confederados. Sua causa principal foi a libertação dos escravos negros. Os legalistas da União no Norte proclamaram apoio à Constituição e enfrentaram os separatistas dos Estados Confederados do Sul, que defendiam os direitos dos estados em manter a escravidão. Combates intensos durante os quatro anos de guerra deixaram aproximadamente 750 mil mortes, até hoje o maior número de baixas militares do país entre todas as guerras combinadas que os EUA travaram. No fim, a União venceu, a escravidão foi abolida e mais de quatro milhões de escravos negros foram libertados.

Tarde da noite, sozinho em seu gabinete, enquanto tentava ler um livro de Victor Hugo, o imperador olhava sem parar para a carta confederada no canto de sua escrivaninha. Seus pensamentos insistiam nas palavras de Rafael, que passaram todo o dia latejando na sua cabeça, como se fosse uma negra de tabuleiro vendendo cocada no Largo do Paço: “*não seria má ideia a expansão do Brasil*”.

“*Não seria má ideia a expansão do Brasil*”.

“*Não seria má ideia a expansão do Brasil*”.

Dom Pedro pegou a carta e ficou olhando para ela com seus olhos azuis, parados, como um mar em calmaria. Levantou-se, andou pela sala e releu em voz alta o pedido para que ele se juntasse à luta confederada, tornando-se seu líder e imperador. Balançou a cabeça várias vezes, esboçou um discreto sorriso e sentou-se novamente com a carta nas mãos.

O imperador abriu os braços, com a carta a sua frente no centro da escrivaninha, e falou em voz alta, como se falasse com a própria missiva: *Dom Pedro II, Imperador da América!* Repetiu, com a voz ainda mais alta, como se testasse a sonoridade do que dizia: *Dom Pedro II, Imperador da América!* Balançou a cabeça, sorriu discretamente e continuou: *Nada mau. Nada mau mesmo!* Deu um tapa na carta e riu alto da sua própria ambição.

Com o cotovelo na mesa e uma mão sob o queixo, continuou falando consigo mesmo: *Pedro, Pedro, deixe essa ambição besta de lado. Você tem problemas mais urgentes e importantes nesse momento.*

*Você precisa casar suas filhas. Você precisa melhorar a educação no Brasil. Você precisa resolver a questão servil. Você tem muito trabalho a fazer por aqui, Pedro. Muito trabalho! Esqueça essa ambição de América. Esqueça.*

Abriu uma gaveta, pegou uma pasta e dela tirou, com todo o cuidado, uma das cartas de seu pai e leu, como costumava fazer nos seus momentos de angústia e indecisão: *“Meu amado filho, é muito necessário, para que possas fazer a felicidade do Brasil, tua pátria de nascimento e minha de adoção, que tu te faças digno da nação sobre que imperas pelos teus conhecimentos e maneiras. Pois meu adorado filho, o tempo em que se respeitavam os príncipes por serem príncipes unicamente acabou-se. No século em que estamos, em que os povos se acham assaz instruídos de seus direitos, é mister que os príncipes igualmente o estejam e conheçam que são homens e não divindades, e que lhes é indispensável terem muitos conhecimentos e boa opinião para que possam ser mais depressa amados do que mesmo respeitados...”* Suspirou, colocou a carta novamente na pasta, abaixou-se sobre a mesa e chorou, como sempre fazia, de saudade de seu pai, que quase ou nada conheceu.

Depois de um tempo, levantou-se novamente, pegou o livro que estava lendo e hesitante, ao lado da escrivaninha, ainda falou em voz alta: *se pelo menos os confederados fossem contra a escravidão. Mas longe isso, eles são escravistas. Por que não foi o outro lado a me convidar? Seria tão mais fácil para mim.*

Suspirou alto, balançou a cabeça e saiu de seu gabinete, de cara fechada.

*Sobre a minha cabeça orgulhosa, vem uma pesada coroa de ouro ornada com pérolas e brilhantes. Nas Américas, somente eu a ostento. Mas sobre ela, vem a cruz de Cristo. Diante da cruz, todos os joelhos se dobram, inclusive o meu. O que mais quero? O que mais preciso? De que valem a coroa, o poder e a ambição? Diante da cruz de Cristo, todos os homens são iguais, todos os joelhos se dobram. Do pó eu vim. Ao pó eu retornarei.*

*P. de Alcântara*



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

AUTOR  
[@tadeuaguinaldo](https://twitter.com/tadeuaguinaldo)  
[tadeu2710@yahoo.com.br](mailto:tadeu2710@yahoo.com.br)  
[aguinaldotadeu.blogspot.com/](http://aguinaldotadeu.blogspot.com/)  
[facebook.com/aguinaldotadeuescritor/](https://www.facebook.com/aguinaldotadeuescritor/)

---

• *Livros iluminam* •

---

Este livro foi composto em Lunaquete  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2023.

---